

A POLÍTICA TAMBÉM TREME COM OS TERREMOTOS

Enquanto o mundo se comove com os últimos três desastres sísmicos, muito do jogo político envolvido se esconde da cobertura da imprensa

Por Renan Marra
e Guilherme Zocchio

Três grandes terremotos espantaram o mundo e causaram enorme destruição, em pouco mais de um ano. Atingidos, Haiti, Chile e Japão foram pauta mundial no período recente ao acontecimento dos desastres. Enquanto o caos era mostrado por todo o planeta, muito das especificidades de cada caso foi omitido ou colocado para um segundo plano. A dor, as perdas, as devastações e a reconstrução, embora tivessem abordagens, ênfases e exposições diferentes, tomaram a frente de uma possível análise mais profunda da situação de cada país.

Tragédia caribenha – No Haiti, em 12 de janeiro de 2010, um tremor de magnitude 7 na escala Richter desencadeado por uma falha geológica próxima ao país causou a morte de pelo menos 200 mil pessoas, além de milhões de feridos e desabrigados. O país é o mais pobre da América latina, com precária infra-estrutura e está localizado próximo ao encontro de duas placas tectônicas.

Junto à catástrofe que gerou comoção imediata em todo o mundo, nesse momento, as notícias veiculadas assumiram um papel essencialmente político. Para Lúcia Skromov, membro e fundadora do Comitê Pró-Haiti no Brasil, a mídia busca vender a imagem de um país dependente, sem as mínimas condições de desatar o nó em que está envolvido, além de dar a perspectiva de um povo revoltado, como se o fosse por natureza, por motivos de cor e situação de pobreza e não por questões político-econômicas.

A história do Haiti é marcada por revoltas, golpes e repressões e é um exemplo de insurreição de uma população oprimida contra os seus senhores, em busca de melhores condições de vida. A partir de uma revolta de escravos em 1794, em que eles tomaram as armas e expulsaram os senhores brancos, o Haiti conquistou sua independência e se tornou o primeiro país do mundo a abolir a escravatura. Mas é um Estado falido. Desde 1814 até os dias de hoje, o país sofreu 35 golpes de Estado e 45,2% da população é analfabeta. E a expectativa de vida é de apenas 60,17 anos, segundo dados da *CIA World Factbook*.

“O Haiti tentou resgatar as bandeiras da Revolução Francesa e levá-las adiante; por conta disso, pagou dívidas por décadas, vivendo sob cercos”, de acordo com Skromov, que ainda diz que “a França [ex-metrópole da colônia haitiana], por exemplo, perdeu e ainda sofre com a perda diante daquilo que chamou de colônia antes e, assim, gostaria de recuperar o poder dentro do Haiti, entrando na corrida do etanol que poderia ser transformado em combustível com uma mão de obra barata, quase escrava”. O terremoto, portanto, teria feito com que o país aparecesse de modo conveniente “dependente do imperialismo e das ocupações estrangeiras”, afirma.



Montagem: Anali Dupré

(De cima a baixo) Chile, Haiti e Japão: três países, três cenários, três modos de encarar a tragédia

Além disso, nada foi noticiado sobre o atraso na reconstrução. Já se passou mais de um ano que o país foi atingido e, embora assim como o Japão o Chile tenha políticas anti-sísmicas precisas, ainda encontra regiões totalmente destruídas. Segundo o professor de filosofia chileno Jorge Rafael Renard “a reconstrução tem sido extremamente falha. A ministra da reconstrução é de um dos grupos econômicos mais fortes do Chile, que são os Matte. Então eles estão tentando fazer uma negociata grande com a reconstrução, e estão embananando tudo”.

São vários os interesses tentando capitalizar a reconstrução do país: de um lado, a oposição – a *Consertación* (Consertação), da ex-presidente Bachelet – denuncia os atrasos e negociações em torno das obras; e de outro, existe um racha muito grande nos grupos do governo, entre interesses políticos e econômicos, que estão tentando se fortalecer frente à figura fraca do presidente Piñera. “A reconstrução está realmente atrasada. Está emperrada por causa de brigas entre eles, grupos do governo. E é certo que tem grandes empreiteiras que querem abocanhar a parte principal”, de acordo com Renard.

Por fim, há o problema da iniciativa privada na reconstrução do país. Existia até o começo da ditadura Pinochet uma corporação pública nacional de fomento responsável exclusivamente à reconstrução e prevenção de abalos sísmicos no Chile. Com o golpe que colocou o ditador no poder, essa, entre outras empresas públicas, foram privatizadas, dando brecha para a intervenção de interesses particulares, na recuperação de uma situação de calamidade pública.

A façanha do desenvolvimento – Já o sétimo maior terremoto da história atingiu o Japão no dia 11 de março de 2011, com magnitude de 8,9 pontos na escala Richter. O fenômeno originou *tsunami* e a crise nuclear no país, com os problemas decorrentes na usina nuclear de *Fukushima*, provocou a morte de pelo menos 14 mil pessoas, além de vários desabrigados e problemas na rede de produção e de distribuição de energia elétrica. E diferentemente do Haiti, onde houve escandalização dos problemas enfrentados, ou do Chile, onde rapidamente se silenciou após o ocorrido, o caso está sendo tratado com maior parcimônia.

Como se trata de um país desenvolvido, fica a impressão de que o país nipônico enfrenta as tragédias com dignidade e organização exemplar para o resto do mundo. “Quando se fala em Japão, afinal não se pode esquecer de que se está falando de um país desenvolvido, habitado por pessoas ‘civilizadas’ que estão ‘apenas irritadas’ por estar vivendo uma situação-limite”, finaliza Skromov.

Consertação no Chile – O fenômeno que devastou o Chile no dia 27 de fevereiro de 2010, por sua vez, atingiu 8,8 pontos na escala Richter e foi um dos maiores da história, matando pelo menos 300 pessoas e deixando milhares de desabrigados.

O terremoto aconteceu próximo ao momento da transição presidencial no país e teve profunda repercussão política. Com a vitória do empresário Sebastián Piñera da então oposição, *Coalición para El Cambio* (Coalizão para a mudança), nas eleições presidenciais havia grande otimismo entre os conservadores da política chilena. Com isso, houve proveito para criticar os últimos momentos do governo de Michelle Bachelet, que não teria previsto a catástrofe, bem como uma tentativa de abafar a tragédia, evitando ao máximo o enfraquecimento de partida do governo Piñera – como, por exemplo, depois com a imensa repercussão do caso do resgate dos mineiros.

renan.jor@gmail.com

@guizocchio e guizocchio@gmail.com